

FATORES ASSOCIADOS AO CONHECIMENTO DE SEPSE EM COMPARAÇÃO COM IAM, EM USUÁRIOS CADASTRADOS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA.

FACTORS ASSOCIATED WITH KNOWLEDGE OF SEPSIS IN COMPARISON WITH AMI, IN USERS REGISTERED IN PRIMARY CARE

Leiliane de Oliveira Araújo

loa2@discente.ifpe.edu.br

Victor Nathan de França Barros Correia

vnfbc@discente.ifpe.edu.br

Ana Carla Silva Alexandre

ana.alexandre@pesqueira.ifpe.edu.br

RESUMO

O estudo pode contribuir para identificar os fatores associados ao conhecimento sobre a sepse da população cadastrada em unidades básicas de saúde em comparação com o conhecimento a respeito do infarto agudo do miocárdio. Estudo transversal, com abordagem quantitativa que foi realizado em unidades básicas de saúde do município de Pesqueira e na feira livre. A amostra foi composta por 245 participantes e os achados foram analisados por meio do programa SPSS versão 23.0 e que também foi utilizado como ferramenta de análise a partir de estatística descritiva e inferencial. Obteve-se que do total amostral, 82,85% nunca tinham ouvido falar sobre o termo sepse, entretanto, 95,1% dos participantes conheciam a respeito do infarto agudo do miocárdio. Evidencia-se uma lacuna intensa entre pessoas da atenção básica sobre o conhecimento de sepse e que está relacionado às características sociais, o que demonstra um déficit de informação quanto aos cuidados de saúde da população.

Palavras-chave: Sepse. Educação em Saúde. Atenção Primária. Conhecimento.

ABSTRACT

This study may contribute to identifying factors associated with knowledge about sepsis among the population registered at primary health care units, compared with knowledge about acute myocardial infarction. This cross-sectional study, with a quantitative approach, was conducted at primary health care units in the municipality of Pesqueira and at a street market. The sample consisted of 245 participants, and

the findings were analyzed using SPSS version 23.0, which was also used as an analytical tool using descriptive and inferential statistics. Of the total sample, 82.85% had never heard of the term sepsis; however, 95.1% of participants were familiar with acute myocardial infarction. A significant gap in knowledge about sepsis among primary care providers is evident, and this gap is related to social characteristics, demonstrating a lack of information regarding the population's health care.

Keywords: Sepsis. Health Education. Primary Care. Knowledge.

1. INTRODUÇÃO

A sepse é conhecida popularmente como infecção generalizada, como também por septicemia, ela tem como definição ser uma disfunção orgânica ameaçadora à vida, decorrente de uma resposta desregulada do hospedeiro à infecção. Portanto, é decorrente de anormalidades que envolvem a fisiologia, patologia e a bioquímica advinda de uma infecção - bacteriana, viral, fúngica, parasitária ou por protozoários - localizada em algum órgão, que pode levar ao mal funcionamento dele ou de outros. Nesse contexto, aumenta as chances para o risco de morte nos casos de descobrimento tardio e perde-se a hora ouro (ILAS, 2022).

Esse acometimento tem apresentado grande impacto na saúde da população, e é responsável pela maior causa de morte nas UTIs. No Brasil registra-se mais de 200 mil mortes anualmente e segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), morrem mais de 11 milhões de pessoas por ano, na maioria são crianças e idosos, e deixa sequelas para os sobreviventes. A Sepse é considerada um problema de saúde pública mundial e é reconhecida pela OMS como uma prioridade de saúde global (FIOCRUZ, 2021; UNIFESP, 2022).

Ao se tratar dos gastos com o internamento de uma pessoa com sepse, os valores são consideráveis, e para os cofres públicos é gerado uma despesa alta e que em muitos casos o paciente vem a óbito decorrente do quadro que se agrava. No ano de 2016 a média da internação no Brasil foi de R\$3.669,75, já a média do estado do Rio Grande do Sul foi de R\$3.247,69, ficando abaixo do valor da capital deste estado, com média de R\$4.281,41 (DOS SANTOS et al., 2021).

O risco de sepse pode ser reduzido por meio de alguns cuidados. Em relação às crianças, é importante manter atualizado o calendário de vacinação, além de ter higiene adequada das mãos, cuidados com os equipamentos de saúde para evitar as infecções hospitalares que podem levar à sepse. Entretanto, a sepse não acontece apenas por causa de infecções hospitalares. Assim, é importante ter hábitos de cuidado com a saúde, evitar a automedicação e o uso indevido de antibióticos, além de ofertar um parto seguro (ILAS, 2022a; BRASIL, 2022; Global Sepsis Alliance, 2020).

As políticas públicas de saúde que garantem a educação em saúde no âmbito da atenção primária e tem um papel importante no esclarecimento à população frente às doenças, infecções e demais assuntos pertinentes a

proporcioná-los uma melhor qualidade de vida e de saberes, entretanto, o conhecimento da população frente a sepse é frágil e a lacuna existente abre precedente para o agravamento dos casos não tratados em tempo hábil. Por isso, é importante considerar a criação de políticas preventivas mais diretas que visem sensibilizar por meio da educação a população acerca da sepse (FITTIPALDI, 2021).

Frente ao exposto, observou-se a lacuna nas produções científicas com relação ao conhecimento da população com relação à sepse e que impacta diretamente a saúde coletiva e este estudo pode contribuir para os profissionais da saúde quanto ao desenvolvimento de estratégias voltadas à educação em saúde.

2. DESENVOLVIMENTO

A Society of Critical Care Medicine (SCCM) e a European Society of Critical Care Medicine (ESICM) promoveram conferência em consenso e novas definições de sepse foram publicadas. Definiu-se como disfunção orgânica para preenchimento do critério de sepse o sinal de positivo para 2 pontos no escore Sequential Organ Failure Assessment (SOFA) como consequência da infecção (ILAS, 2022; SINGER et al., 2016).

Com a atualização, foi deixado de ser utilizado o termo “sepse grave”, este que é entendido como algo redundante pelos participantes da conferência, pois a taxa de mortalidade da sepse é de mais de 10%, portanto, se torna grave intrinsecamente. Além disso, ela tem taxas mais altas de morte quando comparado com o infarto do miocárdio, acidente vascular cerebral ou trauma. Outrossim é que com o decorrer do tempo vai ter uma melhora no percebimento da sepse por profissionais de saúde e leigos, pois terá a associação do termo sepse ao quadro grave. Com isso, foi adotado pelo Instituto Latino Americano de Sepse - ILAS as seguintes nomenclaturas: infecção sem disfunção, sepse e choque séptico (ILAS, 2022b; SALOMÃO et al., 2019; SINGER et al., 2016).

Existem fatores que podem aumentar a probabilidade do desenvolvimento da sepse, independente da boa saúde ou mesmo que esteja na melhor forma física. Como a idade, em pessoas com mais de 60 anos, crianças menores de um ano, as com o sistema imunológico deprimido, para os realizaram a esplenectomia, além das que têm doenças crônicas que atuam no pulmão, coração ou fígado. A presença de infecções graves, como pneumonia, infecção do trato respiratório e urinário, pacientes com câncer em tratamento ou indivíduos que passaram por transplantes de órgãos também são condições que podem acarretar o desenvolvimento da sepse (GLOBAL SEPSIS ALLIANCE, 2020; VIDAL BELO; GASPAR; LIMA, 2020).

A educação em saúde é importante para abordar temas relevantes, como a sepse, para que a população receba as informações necessárias e dessa forma gere interferências positivas diretamente na saúde da comunidade, que envolvem a promoção, prevenção e redução de danos (BRASIL, 2017).

3. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo com delineamento transversal com abordagem quantitativa, realizado entre março de 2024 a maio de 2025, em Unidades Básicas de Saúde (UBS) selecionadas na cidade de Pesqueira, Pernambuco (Brasil), bem como, a feira livre do município.

A amostra foi composta por 245 participantes ao total. Para participar da pesquisa os participantes tinham de se enquadrar nos critérios de inclusão: ser cadastrado na UBS, ter aceitado participar do estudo, possuir idade ≥ 18 anos. Foram excluídas da amostra pessoas com algum déficit cognitivo ou de compreensão, estados de demência e/ou que apresentassem algum transtorno mental com perda da condição de julgamento.

Para a realização da coleta dos dados, era organizado agendamento prévio dos pesquisadores em conjunto com a direção da UBS. As abordagens foram feitas de forma aleatória nas pessoas que aguardavam atendimento para as consultas e procedimentos na UBS no setor da recepção. Aos que aceitaram participar, eram direcionados para uma sala reservada para realizar as perguntas do questionário - este que foi testado, ajustado e aprovado para aplicação final - nele continha variáveis sociodemográficas, sexo, idade, renda, área da profissão, bem como com as perguntas pertinentes ao tema sepse e sobre infarto agudo do miocárdio.

Os dados foram tabulados pelo programa SPSS, Statistical Package for the Social Sciences, versão 23.0 e que também serviu como ferramenta para análise. Foram usados os testes de qui quadrado para associação das variáveis e considerou-se o intervalo de confiança de 95% com margem de erro de 5%.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo comitê de Ética em pesquisa (CEP), da autarquia de ensino superior de Belo Jardim parecer n.3.210.887, e todos os participantes assinaram o TCLE em duas vias, o qual tinha a explicação do caráter da pesquisa, em cumprimento às resoluções 466/2012 e 510/2016 que trata da pesquisa com seres humanos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Teve-se como amostra do estudo um total de 245 participantes entrevistados na sala de espera de 3 unidades de saúde da família e na feira livre do município de Pesqueira-PE, a idade dos entrevistados variou entre 18 e 81 anos, com média de 42,2 e DP =15,7.

Ao avaliar-se as respostas dos participantes ao serem questionados sobre o termo sepse, obteve-se que 82,85% da amostra não conhecia sobre o tema. Diferente desse achado, um estudo que foi realizado na região ocidental da Arábia Saudita

com uma amostra de 425 participantes, destes, 203, 47,8%, afirmaram que tinham conhecimento a respeito de septicemia bacteriana. Leva-se em consideração a diferença das amostras e que isso pode ter impactado nesse resultado (ALNOFAIEY et al., 2023).

Com relação aos que responderam conhecer o termo sepse, 17,15%, destes, 4,9% informaram terem tido como fonte de aprendizado treinamentos, aulas e estudos na faculdade; 4,5% conheceram a partir de familiares e amigos que tiveram experiência com sepse; 2,9% ouviu de algum profissional de saúde; 2,0% viram em TV, jornal ou rádio e apenas 1,6% ouviu falar na internet. Nesse quesito, foi observado que as respostas diferem dos achados de uma pesquisa realizada no Canadá, no ano de 2022, que teve como público alvo as pessoas que foram alfabetizadas nos idiomas do inglês ou francês. Nele teve-se como dado de maior retorno a junção da mídia tradicional, 41,9%, que compete por revistas, TV ou rádio, destes, a televisão destacou-se com cerca de 27,7%. Nessa perspectiva, nota-se que cada país aponta para fontes que divergem entre si e que é natural visto aspectos como a localidade e costumes da população que foi estudada (PARSONS LEIGH, J. et al., 2022).

Seguindo o mesmo sentido, foi notado que existem achados em comum entre a nossa pesquisa e a que foi feita no Canadá, são eles: os participantes afirmaram terem ouvido falar do termo por meio de algum familiar ou amigo que teve experiência com a sepse. Com esses achados, demonstra-se que o meio de comunicação social entre vivências experienciadas, podem ser meios utilizados no cotidiano entre as pessoas que resultam na disseminação do conhecimento (PARSONS LEIGH, J. et al., 2022).

No tocante aos participantes que afirmaram terem algum conhecimento no que concerne o termo sepse, ao serem questionados sobre a definição dele, a maior parte não soube responder de forma conceitual, teve-se também dois que responderam ser infecção generalizada, um apontou que se era lesão em órgão alvo e outro que sepse vem a ser uma doença transmissível. Já ao analisar outro estudo que foi feito no estado do Rio Grande do Sul, para os que também afirmaram conhecer o termo, obteve-se que 64,2% deram a definição correta. Entretanto, nesse mesmo estudo foi observado que 27,4% respondeu que se trata de “infecção no sangue”, alguns não souberam responder, outro definiu sepse como uma “banda de rock” e outro como uma “comida tóxica”. O Brasil é um país multicultural social, e assim em diferentes regiões a depender da condição social e de escolaridade o conhecimento de agravos à saúde pública podem não ser vivenciados por todas as pessoas que formam a comunidade (MORETTI, 2019).

Não houve associação estatisticamente significativa entre o conhecimento de sepse e a renda familiar dos participantes ($p=0,330$), bem como com relação ao gênero, uso de tecnologias, nem entre possuir celular e frequência que usa tecnologias com conhecimento sobre sepse.

Tabela 1 - Caracterização dos componentes da amostra e associação com o conhecimento sobre sepse. Pesqueira (PE), Brasil, 2025.

Variáveis	Conhece ou já ouviu falar do termo "sepse"			p
	Total da amostra (n=245)*	Não n(203)	Sim n(42)	
Gênero				0.413
Feminino	199 (81,22%)	163 (80,30%)	36 (85,71%)	
Masculino	46 (18,78%)	40 (19,70%)	6 (14,29%)	
Área de profissão				< 0.001
Saúde	11 (4,49%)	2 (0,99%)	9 (21,43%)	
Administração	6 (2,45%)	5 (2,46%)	1 (2,38%)	
Docência	1 (0,41%)	0 (0,00%)	1 (2,38%)	
Desempregado/ estudante	10 (4,08%)	8 (3,94%)	2 (4,76%)	
Aposentado	34 (13,88%)	27 (13,30%)	7 (16,67%)	
Do lar	11 (4,49%)	10 (4,93%)	1 (2,38%)	
Outros	172 (70,20%)	151 (74,38%)	21 (50,00%)	
Renda				0.330

Recusa informar	5 (2,04%)	4 (1,97%)	1 (2,38%)	
> de 3 salários mínimos	6 (2,45%)	4 (1,97%)	2 (4,76%)	
Entre 1 e 3 salários mínimos	118 (48,16%)	94 (46,31%)	24 (57,14)	
< 1 salário mínimo	116 (47,35%)	101 (49,71%)	15 (35,71%)	
Possui celular				0.202
Sim	228 (93,06%)	187 (92,12%)	41 (97,62%)	
Não	17 (6,94%)	16 (7,88%)	1 (2,38%)	
Frequência uso de celular/internet				0.158
Diariamente	219 (89,39%)	178 (87,68%)	41 (97,62%)	
Semanalmente	5 (2,04%)	5 (2,46%)	0 (0,00%)	
Não utiliza	21 (8,57%)	20 (9,85%)	1 (2,38%)	

p= teste Qui-quadrado de pearson. Fonte: Elaborada pelos autores (2025)

No que se refere ao conhecimento da amostra sobre infarto agudo do miocárdio, 95,1% dos participantes conhecem o termo infarto do miocárdio. Destes, 59,2% conheceram a partir de familiares ou amigos que tiveram vivências com o agravo; 14,6% ouviram falar em TV jornal ou rádio; 13,1% aprendeu com algum profissional de saúde; 4,5% conheceu em treinamentos específicos e 3,7% conheceu na internet.

Não houve associação estatisticamente significativa para as análises referentes à gênero, escolaridade, área da profissão, renda familiar e uso de tecnologias ($p > 0,05$). Observa-se assim que, o conhecimento sobre infarto agudo do miocárdio é amplo, multifacetado e com disseminação e propagação de informações de diversos meios.

Tabela 2 - Associação entre os componentes da amostra e o conhecimento sobre infarto do miocárdio. Pesqueira (PE), Brasil, 2025.

Variáveis	“Conhece o termo “infarto agudo do miocárdio?”			p
	Total da amostra (n=245)*	Não n(12)	Sim n(233)	
Gênero				0.571
Feminino	199 (81,22%)	9 (75,00%)	190 (81,55%)	
Masculino	46 (18,78%)	3 (25,00%)	43 (18,45%)	
Área de profissão				0.053
Saúde	11 (4,49%)	0 (0,00%)	11 (4,72%)	
Administração	6 (2,45%)	2 (16,67%)	4 (1,72%)	
Docência	1 (0,41%)	0 (0,00%)	1 (0,43%)	
Desempregado/ estudante	10 (4,08%)	0 (0,00%)	10 (4,29%)	
Aposentado	34 (13,88%)	1 (8,33%)	33 (14,16%)	
Do lar	11 (4,49%)	0 (0,00%)	11 (4,72%)	
Outros	172 (70,20%)	9 (75,00%)	163 (69,96%)	
Renda				0.575
Recusa informar	5 (2,04%)	0 (0,00%)	5 (2,15%)	

> de 3 salários mínimos	6 (2,45%)	0 (0,00%)	6 (2,58%)	
Entre 1 e 3 salários mínimos	118 (48,16%)	8 (66,67%)	110 (47,21%)	
< 1 salário mínimo	116 (47,35%)	4 (33,33%)	112 (48,07%)	
Possui celular				0.332
Sim	228 (93,06%)	12 (100,00%)	216 (92,70%)	
Não	17 (6,94%)	0 (0,00%)	17 (7,30%)	
Frequência uso de celular/internet				0.473
Diariamente	219 (89,39%)	12 (100,00%)	207 (88,84%)	
Semanalmente	5 (2,04%)	0 (0,00%)	5 (2,15%)	
Não utiliza	21 (8,57%)	0 (0,00%)	21 (9,01%)	

p= teste Qui-quadrado de pearson. Fonte: Elaborada pelos autores (2025)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidencia que existe uma lacuna no que concerne ao conhecimento da população sobre a sepse ao ser comparado com o infarto agudo do miocárdio, este que é difundido de forma ampla e descentralizada. Com isso observa-se que conhecimento sobre o termo é muito pouco disseminado, o que agrava a situação da morbimortalidade da população e caracteriza-se como um problema de saúde pública, pois perde-se a hora ouro para iniciar o protocolo e evitar que o quadro da sepse se agrave e por isso é de grande importância que haja medidas de educação em saúde sobre a sepse para expandir o conhecimento da população e propor medidas preventivas robustas para a temática envolvida.

A condução de novos estudos é relevante para favorecer a disseminação da educação em saúde sobre sepse na atenção primária, e assim compreender melhor as lacunas existentes e os resultados servirem de base aos profissionais para atuarem frente a essa questão.

6. REFERÊNCIAS

ALNOFAIEY, Y.; ALHARTHI, S. M.; ALHULAYFI, R. M.; ALQURASHI, M. M.; ALSUFYANI, R. M.; ALAMRI, G. M. et al. Public awareness and knowledge of sepsis: a cross-sectional survey of adults in the Western region of Saudi Arabia. *Cureus*, v. 15, n. 11, e49102, 20 nov. 2023. Disponível em: <https://www.cureus.com/articles/49102-public-awareness-and-knowledge-of-sepsis-a-cross-sectional-survey-of-adults-in-the-western-region-of-saudi-arabia> . Acesso em: 2 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 2.436, de 22 de setembro de 2017. Institui o Programa Nacional de Controle da Tuberculose e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 21 set. 2017. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436_22_09_2017.html . Acesso em: 6 jun. 2023.

DIA MUNDIAL DA SEPSE – ILAS. 2022a. Disponível em: <https://ilas.org.br/dia-mundial-da-sepse/> . Acesso em: 13 mar. 2023.

DOS SANTOS, M. E. N.; GOMES, D. C.; SOUSA, F. S. P.; SILVA, R. A. R.; PEREIRA, E. R. Estimativa de custos com internações de pacientes vítimas de sepse: revisão integrativa. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, v. 95, n. 33, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.31011/reaid-2021-v.95-n.33-art.952> . Acesso em: 8 ago. 2023.

FITTIPALDI, A. L. M.; O'DWYER, G.; HENRIQUES, P. Educação em saúde na atenção primária: as abordagens e estratégias contempladas nas políticas públicas de saúde. *Interface (Botucatu)*, v. 25, e200806, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.200806> . Acesso em: 7 maio 2023.

INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE SEPSE (ILAS). Dia Mundial da Sepse [Internet]. 2022 [citado 2023 mar. 13]. Disponível em: <https://ilas.org.br/dia-mundial-da-sepse/> . Acesso em: 10 mar. 2023.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Diagnóstico precoce é fundamental para tratar a sepse, conhecida como infecção generalizada. *Ministério da Saúde – Notícias*, 2 set. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2022/09/diagnostico-precoce-e-fundamental-para-tratar-a-sepse-conhecida-como-infeccao-generalizada> . Acesso em: jul. 2025.

MORETTI, M. M. S.; OLIVEIRA, J. L. C.; GABRIEL, C. S.; ARAUJO, B. D.; TONINI, N. S.; MATSUDA, L. M. et al. Sepse e IAM: conhecimento da população frequentadora de parques e acompanhantes de pacientes. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 40, e20180299, 2019. Disponível em: http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472019000100427&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 25 ago. 2023.

OMS INCLUI a sepse como uma das prioridades de saúde mundial. *Proqualis*, 23 dez. 2021. Disponível em:

<https://proqualis.fiocruz.br/noticias/oms-inclui-sepse-como-uma-das-prioridades-de-sa%C3%BAde-mundial> . Acesso em: 30 maio 2023.

PARSONS LEIGH, J. et al. Conscientização e conhecimento público sobre sepse: um estudo transversal com adultos no Canadá. *Critical Care*, [S.l.], v. 26, p. 337, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s13054-022-04215-6> . Acesso em: 2 jul. 2025.

PROQUALIS. OMS inclui a sepse como uma das prioridades de saúde mundial. 23 dez. 2021. Disponível em: <https://proqualis.fiocruz.br/noticias/oms-inclui-sepse-como-uma-das-prioridades-de-saúde-mundial> . Acesso em: 16 ago. 2023.

SALOMÃO, R. et al. Sepsis: evolving concepts and challenges. *Brazilian Journal of Medical and Biological Research*, v. 52, n. 4, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1414-431x20198595> . Acesso em: 12 mai. 2023.

SEPSIS — GLOBAL SEPSIS ALLIANCE. 2020. Disponível em: <https://www.global-sepsis-alliance.org/sepsis> . Acesso em: 16 ago. 2023.

SEPSE 3.0 – ILAS. 23 jan. 2022b. Disponível em: <https://ilas.org.br/sepse-3-0/> . Acesso em: 15 mar. 2023.

SINGER, M. et al. The Third International Consensus Definitions for Sepsis and Septic Shock (Sepsis-3). *JAMA*, v. 315, n. 8, p. 801, 23 fev. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1001/jama.2016.0287> . Acesso em: 18 ago. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO (UNIFESP). Mais de 200 mil brasileiros(as) morrem ao ano por sepse. 13 set. 2022. Disponível em: <https://www.unifesp.br/noticias-antiores/item/6001-mais-de-200-mil-brasileiros-morrem-ao-ano-por-sepse> . Acesso em: 5 ago. 2023.

VIDAL BELO, G.; GASPAR, G. L.; DA SILVA LIMA, L. Análise dos aspectos epidemiológicos da sepse e da potencial influência da publicação do Consenso Sepsis-3 na sua mortalidade no território brasileiro. *Revista de Saúde*, v. 11, n. 2, p. 44-48, 14 dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21727/rs.v11i1.2376> . Acesso em: 9 ago. 2023.